



A EXPANSÃO E OS LIMITES À TERRITORIALIZAÇÃO EVANGÉLICA SOB AS NUANÇAS DA URBANIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA ZONA OESTE DE BOA VISTA¹

Caê Garcia Carvalho²
Emilly Marjury da Silva Cruz³
Izabela Ribeiro de Lima⁴
Jefferson Guimarães Batista⁵
Samir do Nascimento Valcácio⁶

RESUMO

Buscamos analisar a aguda expansão territorial evangélica na Zona Oeste de Boa Vista e, neste compasso, debater as razões pelas quais também se verifica um perecimento do número de templos entre 2022, ano de realização do último Censo, e 2024, ano no qual se encerrou nossa pesquisa. A princípio, a questão parece contraditória, mas o fechamento de inúmeras igrejas é decorrente do próprio ímpeto expansionista evangélico. Em termos de método, o ancoradouro é dialético, buscando não isolar a religião das demais esferas sociais; quanto à metodologia, além de uma fundamentação teórica acerca das tipologias eclesiais, coletamos os dados espacializados do Censo e empreendemos uma visita de campo em 2024, notabilizando-se uma profunda diferenciação quanto ao número de templos nos dois trabalhos. Em termos teóricos, o trabalho opera com os conceitos de territorialização, território e territorialidade, procurando compreender o processo de territorialização sob o contexto de uma intensa urbanização pela qual, há décadas, a capital de Roraima atravessa; deste modo, também pensar as dinâmicas urbanas foi salutar à compreensão da espacialização das igrejas evangélicas.

Palavras-chave: Igrejas evangélicas, Territorialização, Urbanização, Dinâmicas locais.

RESUMEN

Buscamos analizar la aguda expansión territorial evangélica en la Zona Oeste de Boa Vista y, en este sentido, debatir las razones por las cuales también se observa una disminución en el número de templos entre 2022, año en que se realizó el último Censo, y 2025, año en que concluyó nuestra investigación.

¹ Este artigo é fruto de pesquisa de iniciação científica desenvolvida entre 2023-2024, modo voluntário, e 2024-2025, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (bolsa ao discente), órgão ao qual prestamos os devidos agradecimentos. Uma primeira versão, ainda em estágio embrionário da primeira pesquisa, foi publicada nos anais do SIMPURB (CARVALHO; CRUZ, 2024); há ainda um material no prelo na GEONORTE e, no ciclo 2025-2026 da iniciação científica da Universidade Federal de Roraima, novamente com o auxílio do CNPq, estendemos a reflexão para novos bairros e zonas da cidade de Boa Vista.

² Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia, Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima, cae_garcia@hotmail.com.

³ Graduanda no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Roraima, emillymarjury@gmail.com.

⁴ Graduanda no curso de Bacharelado em Geografia da da Universidade Federal de Roraima, shadow.iza22@gmail.com.

⁵ Graduando no curso de Bacharelado em Geografia da da Universidade Federal de Roraima, jefferson.guimaraes@gmail.com.

⁶ Doutor em Geologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor Adjunto da Universidade Federal de Roraima, samir.valcacio@ufrn.br.



En principio, la cuestión parece contradictoria, pero el cierre de numerosas iglesias es consecuencia del propio ímpetu expansionista evangélico. En términos de método, el anclaje es dialéctico, procurando no aislar la religión de las demás esferas sociales; en cuanto a la metodología, además de una fundamentación teórica sobre las tipologías eclesiales, recopilamos los datos espacializados del Censo y realizamos un trabajo de campo durante 2024 y 2025, destacándose una profunda diferencia en el número de templos entre ambos levantamientos. En el plano teórico, el trabajo opera con los conceptos de territorialización, territorio y territorialidad, buscando comprender el proceso de territorialización en el contexto de una intensa urbanización por la cual, desde hace décadas, atraviesa la capital de Roraima; de este modo, reflexionar también sobre las dinámicas urbanas resultó fundamental para la comprensión de la espacialización de las iglesias evangélicas.

Palabras clave: Iglesias evangélicas, Territorialización, Urbanización, Dinámicas locacionales.

ABSTRACT

We seek to analyze the sharp territorial expansion of Evangelical churches in the Western Zone of Boa Vista and, in this context, discuss the reasons why there has also been a decline in the number of temples between 2022—the year of the most recent Census—and 2025, when our research was concluded. At first glance, the issue appears contradictory, but the closure of numerous churches stems from the very expansionist drive of Evangelicalism itself. Methodologically, the study is anchored in a dialectical approach, aiming not to isolate religion from other social spheres. In terms of procedures, in addition to a theoretical foundation concerning ecclesial typologies, we collected spatialized data from the Census and conducted fieldwork during 2024 and 2025, noting a significant difference in the number of temples between the two datasets. From a theoretical standpoint, the research operates with the concepts of territorialization, territory, and territoriality, seeking to understand the process of territorialization within the context of the intense urbanization that the capital of Roraima has experienced for decades; in this way, reflecting on urban dynamics was also essential to understanding the spatial distribution of Evangelical churches.

Keywords: Evangelical churches, Territorialization, Urbanization, Locational dynamics.

INTRODUÇÃO

O Brasil vive, desde a segunda metade do século XX, sob uma prevalente expansão evangélica, embora o último Censo tenha presentificado um crescimento menos vigoroso. Atualmente, tornaram-se, os evangélicos, 26,9% da população brasileira (IBGE, 2022). Destaca-se que, desde 1990, é a região Norte aquela com a maior presença, em termos percentuais, de evangélicos; atualmente, perfaz a religião de 36% dos habitantes – em Boa Vista, município no qual centramos a análise, são 34,37% os evangélicos, número levemente superior ao quantitativo deste segmento cristão em Roraima, perfazendo, no estado, 34,35% da população.

O presente artigo busca analisar a expansão territorial das igrejas evangélicas e apontar os seus limites em Boa Vista, mais especificamente, na Zona Oeste da capital, cidade que apresenta um vigoroso processo de urbanização e crescimento populacional catapultados dada a atração da atividade garimpeira (1970), a transformação do então Território Federal (1942)



no atual estado de Roraima (1988) e, contemporaneamente, com a crise migratória venezuelana (2016).

Destaca-se que a criação da citada Unidade da Federação, com a consequente complexificação e aumento da demanda de bens e serviços, é um ponto estrutural que delineia a transformação de Boa Vista, um Centro de Zona na classificação⁷ do IBGE em 1966, numa Capital Regional em 2007 (IBGE, 2007), posição na qual se manteve em 2018, mais especificamente, constituindo-se como uma Capital Regional nível B (IBGE, 2018).

Assim, entre 1990-2000, a cidade deteve um sinuoso crescimento populacional, passando de 104.775 habitantes na última década do século XX para 200.568 habitantes em 2000, o que representa um crescimento de 91,42%; em 2010 o crescimento populacional (e urbano) continua(m), embora em ritmo menos acelerado, alcançando a cifra de 284.313 habitantes (OLIVEIRA; COSTA, 2018), com uma alavancagem de 41,75%; o vigor da expansão populacional (e, reitera-se, urbana⁸) se manteve de acordo com o último censo (IBGE, 2022), totalizando, em 2022, 413.486 boa-vistenses, representando um acréscimo populacional de 45,43% – números consubstanciados, como anunciado, com a migração venezuelana.

Se o crescimento populacional foi intenso na cidade, o crescimento evangélico fora ainda mais agudo: em 1990 perfaziam 14.365 habitantes (9,96% da população de Boa Vista), enquanto em 2000 tínhamos 46.432 evangélicos (23,15% da população local), um crescimento de 223,23%; em 2010 o número de evangélicos salta à cifra de 91.378 adeptos, à época, 32,13% da população, representando um crescimento deste segmento cristão em 96,79%, enquanto, em 2022, tornaram-se estes fieis 34,37% da população, 142.115 de evangélicos, reverberando um crescimento de 55,52% entre os dois últimos censos.

Nota-se, pois, como o crescimento evangélico foi, sobremaneira, superior ao crescimento populacional.

Diante dos contextos sociais e espaciais anunciados, notabiliza-se na paisagem local a profusão de templos evangélicos, acompanhando, *pari passu*, a expansão urbana e, frequentemente, se antecipando ao próprio processo de urbanização; ou seja, antes dos bairros

⁷ Estamos aqui citando os estudos sobre as regiões de influência das cidades. A métrica que qualifica os centros é fundamentada pela rede de influência que eles amalgamam, influência esta conferida pelas atividades de gestão pública e privada, atividades comerciais e produtivas, dentre outras. No primeiro nível, estão as Metrópoles; no último, o quinto, estão os Centros Locais que exercem influência apenas sobre seus próprios limites territoriais. Os Centros de Zona são o quarto nível. Boa Vista galgou dois níveis nesta escala entre 1996-2007, evidenciando sua transformação urbana – deve-se frisar que, no período, apenas outros 4 municípios deram o mesmo passo que Boa Vista (IBGE, 2007).

⁸ Boa Vista possui, atualmente, 56 bairros. Destes, em torno de ¼ dos bairros surgiram próximos a virada do século XX para o XXI, mais da metade surge a partir de 1990 (VERAS, 2009; STAEVIE, 2011).



se constituírem enquanto tais, as denominações religiosas já adquiriam terrenos e/ou levantavam templos, sejam formais, sejam informais, como tendas para oração onde, no futuro, se ergueriam as igrejas (CARVALHO; CRUZ, 2024).

Na literatura, abundam estudos sobre a territorialização e territorialidade da religião (ROSENDAHL, 2002; 2005, 2008; 2012; LIMA; BAHIA, 2019; AZULAY, 2020), bem como das instituições evangélicas ou do pentecostalismo em seu expansionismo (MACHADO, 1997; ARAÚJO, 2015; LIMA; BAHIA; COSTA, 2019), ou sua correlação com a urbanização (FARJADO, 2011; SENRA; LEITE, 2019; FARJARO; RIVERA, 2022).

A nossa abordagem seguirá uma linha que, em nosso entendimento, ainda carece de maior vigor, a saber, o escrutínio da territorialização evangélica no contexto da urbanização sob um preciso enfoque espaço-temporal no qual tal territorialização se matiza. Neste contexto, seguimos as veredas abertas, dentre outros, por Terra (2009), Santos (2019), Jorge, Brandão e Cunha (2019). Propomo-nos, pois, empreender um dessecamento da temporalidade e da espacialidade das denominações evangélicas.

Assim, nossa meta é compreender a expansão territorial evangélica e seus limites, analisando os redesenhos da espacialização destas instituições religiosas entre o último censo, em 2022, e a nossa pesquisa de campo **realizada entre 2024 e 2025**. No ímpeto expansionista que seguiu a abertura de inúmeras igrejas, questão que também deverá ser debatida e analisada sob o crivo espaço-temporal anunciado, vemos, de maneira sistemática, também o seu declínio, com o fechamento de várias igrejas nos recortes analisados, a saber, seis bairros da Zona Oeste de Boa Vista – repousamos o olhar sobre tal zona por que ela é, desde os 1970, o principal vetor de crescimento urbano local.

Em nossos resultados evidenciaremos ainda como a territorialização das igrejas segue condicionantes múltiplos: o porte da igreja, o contexto temporal (os diferentes períodos da história dos bairros) e o contexto espacial (as características sociais e territoriais dos bairros).

METODOLOGIA

O arcabouço metodológico remonta à dialética (LEFEBVRE, 1995), sob o intuito de não pensar a religião de maneira isolada, tratando-a pelo crivo da totalidade social – e das singularidades locais – que lhes amálgama (CARVALHO; CRUZ, 2024). Nesse sentido, a religião se articula às dimensões políticas, sociais, econômicas, culturais e espaciais.

Os seis bairros da Zona Oeste são os seguintes: Caranã, União e Laura Moreira, no primeiro ano de pesquisa (2023-2024), e Cauamé, Dr. Ayrton Rocha e Cidade Satélite (segundo ano de pesquisa, 2024-2025).

A escolha de tais bairros, oportuno ressaltar, respondeu a uma dimensão metodológica: procuramos escrutinar os bairros com distintas conformações espaço-temporais, elegendo ao estudo bairros nas franjas da cidade surgidos mais recentemente (Cidade Satélite, 1999; Laura Moreira, 2005; Dr. Ayrton Rocha, 2012), e outros de ocupação mais antiga (1989-1994) e consolidados no contexto urbano local (Caranã, União, Cauamé). A figura a seguir os espacializa no contexto da cidade.

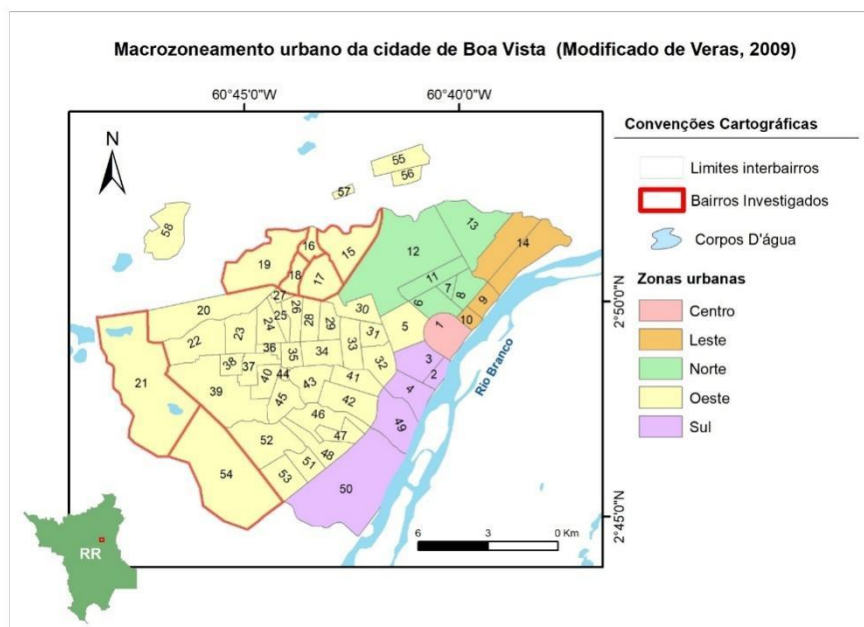


Figura 01: Espacialização da área em estudo⁹. **Fonte:** Elaboração dos autores, adaptado de Veras (2009)

Estabelecido o crivo metodológico, a pesquisa se iniciou com o mapeamento dos templos evangélicos localizados nos bairros em estudo a partir do Censo (IBGE, 2022), ao que se sucedeu a atividade de campo com o mapeamento *in loco*, constatando-se a ausência de determinadas igrejas outrora presentes e a presença de novos templos não dispostos pelo IBGE, distinções que são frutos, pois, da temporalidade de cada mapeamento.

Além do mapeamento, questionávamos aos pastores locais e, em sua ausência, aos fiéis mais antigos, 1) o ano de fundação da igreja no bairro, 2) sua filiação institucional-

⁹ Identificação dos bairros: Caranã, número 17; Cauamé, número 15; União, número 18; Cidade Satélite, número 19; Laura Moreira, número 21; Dr. Ayrton Rocha, número 54.



teológica (pentecostal, protestante histórica etc.) e 3) sua origem geográfica. Essas informações eram depois buscadas on-line nos sítios das instituições religiosas, tanto para termos uma dupla-verificação, bem como para suprir informações não coletadas no campo (por exemplo, nos casos de igrejas que não estavam abertas ou quando os fiéis não sabiam informar).

Com esses dados, verificamos um paralelo entre a expansão urbana de Boa Vista e a territorialização das igrejas: para onde a cidade cresce, as grandes igrejas se afiguram como ponta de lança da urbanização; com o bairro consolidado, por sua vez, são as denominações regionais ou locais que se territorializam, enquanto nos bairros mais novos há uma prevalência destas denominações frente às grandes igrejas, embora também estas se manifestem já quando o bairro esboça a sua conformação (CARVALHO; CRUZ, 2024).

Para debater os limites da expansão territorial evangélica far-se-á necessário escrutinar, primeiramente, os modos pelos quais a territorialização evangélica se conforma – e, neste delinear, nos deteremos apenas em um dos bairros face às limitações textuais de um artigo, o Laura Moreira, uma vez que evidencia uma dinâmica comum aos recortes analisados; quando necessário o for, apontaremos as especificações de cada bairro no processo de territorialização das igrejas. A análise acerca dos limites, por seu turno, se debruçará sobre todas as localidades elegidas neste estudo.

Na operacionalização dos dados, buscamos correlacionar o ano de fundação das igrejas às temporalidades dos bairros, quer-se dizer, ao I) *Surgimento*, II) *Consolidação* e III) *Últimos cinco anos* dos recortes trabalhados. Tais categorias se mostram necessárias porque as estratégias e a própria territorialização das igrejas variam segundo tais temporalidades. O *Surgimento* engloba o período datado entre a ocupação inicial (já) adensada do bairro e os cinco anos a partir daí decorrentes; a *Consolidação* do bairro envolve o período sucessor ao *Surgimento* até os *Últimos cinco anos*, esta tornando-se nossa última categoria, envolvendo o período entre 2020-2024.

Pautamos também uma tipologia eclesial, uma vez que há variância no processo de territorialização segundo as denominações religiosas. Criamos, assim, a seguinte categorização: *Grandes Denominações Pentecostais Nacionais* (GDPN), *Denominações Pentecostais Regionais* (DPR), *Denominações Pentecostais Regionais Internacionais* (DPRI), *Denominações Pentecostais Locais* (DPL), *Batista*, *Protestantes Históricos* (PH) e *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, doravante, Igreja Adventista (IA).

Consideramos como GDPN as instituições que se fazem presentes em todas as regiões do Brasil e em mais de 80% de todas as capitais estaduais, entendendo que o peso destes números confere às igrejas, de fato, um caráter e abrangência nacional.



Consideramos como DPR as instituições que se fazem presentes em mais de um estado de cada região, enquanto as DPRI se ramificam aos países próximos e não necessitam estar em mais de uma unidade da federação. Nessa categoria há apenas uma instituição, a Assembleia de Deus Brasil (ADB), uma igreja profundamente enraizada em Boa Vista e com incidência internacional, com destacada e longa atuação, presente há 31 anos na Venezuela e há 15 anos na Guiana Inglesa e Panamá, bem como em outros países da América do Sul.

As DPL são aquelas igrejas que se radicam apenas em Roraima.

Quanto à Igreja Adventista (IA), sua dinâmica locacional é idêntica à das GDPN, afinal também se trata de uma denominação de escala nacional. Assim, ao falarmos nas “grandes denominações nacionais¹⁰”, estamos levando em conta, pois, tanto as GDPN como a IA.

Embora não seja uma grande denominação nacional, localmente, a ADB é a maior igreja de Roraima. Sua força tem base histórica, sendo a primeira instituição pentecostal do Estado, fundada ainda em 1915. Face à sua profunda territorialização, suas dinâmicas locais – suas estratégias territoriais – estão pareadas com a lógica das grandes denominações nacionais.

Com relação aos *Protestantes Históricos* (PH), excluimos dessa categoria os batistas, uma vez que estes não apresentam uma estrutura centralizada (como ocorrem com os presbiterianos e anglicanos, por exemplo), tendo suas múltiplas instituições (igrejas) notória autonomia. De certa forma, e nesse sentido aproximando-se da GDPN, também os PH são instituições de abrangência nacional. Suas dinâmicas locais, entretanto, são absolutamente distintas: os PH não vislumbram sua territorialização/difusão como uma estratégia e mote elementar de sua instituição salvífica, como ocorrem com os pentecostais.

É oportuno ainda separar os Batistas dos PH porque ambos apresentam dinâmicas absolutamente contrastes no cenário religioso brasileiro. Diferentemente de anglicanos, presbiterianos, metodistas, os batistas também apresentaram, como os segmentos pentecostais (embora em menor volume do que estes), importante crescimento nas últimas décadas. Destaca-se ainda que, diferentemente dos PH, frequentemente se verifica uma pentecostalização da vertente batista, um movimento de renovação que denomina este específico segmento como “batistas renovados”, aproximando-se, pois, do universo litúrgico pentecostal.

Embora as diferenciações ora anunciadas pudessem ser pautadas aprioristicamente, deve-se dizer que elas foram matizadas *após* o trabalho de campo. E mais do que o crivo

¹⁰ É um termo genérico e que quer dizer apenas que são igrejas que atuam em todo o Brasil. No rigor, a Igreja Adventista é uma denominação internacional, estrangeira. Por sua vez, todas as grandes instituições pentecostais brasileiras já passaram por um processo de internacionalização, tornando-se, mormente, instituições globais.



sociológico que escrutina o amplo e multifacetado universo evangélico, as dinâmicas locais – entendidas enquanto um conjunto pelo qual o onde, o porquê e o como da espacialização/territorialização das instituições religiosas se efetivam – foram o alicerce primal de nossa tipologia esboçada. No geral, tais dinâmicas espelham as dimensões sociológicas particulares de cada grupo religioso; pensá-las pelo crivo espacial, entretanto, revelou dimensões nem sempre verificáveis nos estudos da religião, nem pela Sociologia e nem, muitas vezes, pela Geografia – nesse sentido se aproximam as GDPN, a IA e a (localmente) portentosa ADB, e oportunamente se verificará como um mesmo grupo religioso, o pentecostal, apresenta dinâmicas locais particulares segundo o porte da denominação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Investigando a territorialização das igrejas evangélicas a partir de suas dinâmicas locais, faz-se necessário referendar o conceito de território, territorialidade e da própria territorialização.

Trafegando pela questão urbana, pois, problematizar o urbano é também basilar. Começamos o debate por este eixo.

A clássica – e atual – problematização do espaço urbano de R. L. Corrêa (1995), envolvendo os processos de fragmentação-articulação e reflexo/condicionante social sustentam nossa reflexão: a) a diferenciação sócio-espacial se mostrou elementar à diferenciação dos processos e estratégias de territorialização, enquanto a dispersão pela cidade de determinadas denominações evidencia também as articulações presentificadas no tecido urbano; b) sendo o amálgama das relações de (re)produção social e espacial, o urbano se mostrou como condicionante dos processos e estratégias de territorialização das igrejas e como reflexo das contradições e desigualdades da produção do espaço numa sociedade capitalista – e foi também neste bojo de contradições e desigualdades que distintas estratégias territoriais são tecidas de acordo com distintos agentes religiosos.

Acerca do par território-territorialidade, tomamos o segundo elemento como as estratégias desenvolvidas por determinado grupo ou agente (ROSENDAHL, 2002) que fundamentam a apropriação (em sentido mais existencial) ou dominação (em sentido mais funcional) do espaço, tornado, então, território (HAESBAERT, 2012). Este, por sua vez, refere-se, como dito, ao espaço dominado/apropriado, nos quais se matizam relações de poder (SOUZA, 2000).



Quanto à territorialização, entendemo-la como um processo pelo qual determinados agentes, via estratégias políticas, organizacionais e territoriais, se espacializam e criam, pois, seus territórios.

As referidas estratégias, por sua vez, se afiguram como elementos que fundamentam a territorialidade, ou seja, como mecanismos e ações – sobre/com o grupo, sobre outrem e sobre/com o espaço/território – que garantem ao grupo social o poder de tal espaço tornado território (SOUZA, 1995).

Em síntese, tratar da territorialização é, mais do que a efetividade material do território, evocar a constituição da espacialização dos territórios engendrados por determinadas territorialidades, o mecanismo pelo qual o território se gesta e se pereniza (ROSENDAHL, 2005).

Nesta perspectiva, reiteramos, decanta-se o território como o espaço apropriado ou dominado por determinado agente/grupo, no qual as relações de poder são basilares (SOUZA, 2000; HAESBAERT, 2012).

Inspirando-nos em Foucault (1995), embora M. L. de Souza problematize o poder a partir Arendt (1985), o perspectivamos no campo das ações e de seus efeitos, vinculando-se, portanto, poder e territorialidade, ou seja, as estratégias/ações (territorialidades) são vascularizadas a partir das relações de poder, a capacidade de agir enquanto tal, pelo consenso, persuasão ou mesmo força (econômica, política, física, moral etc.), quiçá violência – e, novamente, nos afastamos de Arendt, pautando a autora a compreensão de que o poder se matiza exclusivamente a partir da vontade coletiva, não operando por coação.

Tal capacidade de agir enseja determinadas perspectivas e ações estabelecidas pelo agente/grupo junto ao seu território, fato que sustenta o próprio território enquanto espaço apropriado/dominado. Em relação dialética, o poder é central para a estruturação do território, afinal, é o que lhe garante a perenidade, uma vez que se se alteram as configurações das relações de poder, a tendência é que se desencadeiem processos de desterritorialização e de reconfiguração/dissolução do próprio território.

Deve-se ainda destacar que o território é elemento retroalimentador do poder. Se o poder envolve um campo relacional (RAFFESTIN, 1993), se o poder é uma relação social, sustentáculos materiais não apenas simbolizam o poder (o monumento, o templo, o palácio), mas, frequentemente, sua base material (ela própria transpassada pelas relações de poder) é alicerce para solidificação e ampliação do campo envolvido pelo poder. Se essa argumentação teórica é um tanto rebuscada, no nível empírico a conclusão é cristalina: ao expandir seus territórios, as denominações evangélicas não aumentam seu poder político, econômico, social?



Feitas estas considerações teóricas acerca do urbano e do componente territorial, podemos melhor problematizar os nossos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o início de nossa discussão, convém apresentar alguns dados acerca dos bairros. A primeira tabela traça suas características socioeconômicas, enquanto a segunda versa acerca das questões eclesiais.

Tabela 01: Características socioeconômicas¹¹ dos bairros em estudo

Bairro	Área (km ²) e densidade demográfica	Pop. em 2010 e 2022	Pop. sem renda	Pop. com renda até ½ salário	Pop. com renda entre ½ e 1 salário	Pop. com renda entre 1-3 salários	Pop. com renda superior a 3 salários
Cidade Satélite	6,11 - 2.818,33	5.942 - 17.831	44,81	4,73	25,79	20,27	4,92
Dr. Airton Rocha	12,57 - 680,98	69 - 8.560	37,04	1,85	12,96	27,78	20,37
Caranã	2,65 - 4.697,35	9.931 - 12.448	41,08	2,51	22,84	21,83	11,75
Laura Moreira	14,30 - 147,41	4.992 - 1.965	48,46	5,65	28,05	16,22	1,64
Cauamé	4,67 - 1.814,34	7.480 - 8.473	37,90	5,33	23,20	21,12	11,86
União	1,12 - 4.442,85	3.801 - 4.976	37,07	9,18	29,25	19,40	5,1

Fonte:Elaboração dos autores, 2025.

¹¹ Em relação à renda, os dados são do Censo de 2010, obtidos via plataforma Sidra/IBGE. Ainda não foram disponibilizados, segmentada por bairro, a renda no Censo de 2022. Se trata de uma limitação fática deste artigo, porém, os dados de 2010 nos ajudam a situar o contexto econômico dos bairros investigados, embora também possamos intuir, via empirismo, algumas transformações contemporâneas.



Tabela 02: Presença evangélica nos bairros em estudo

Bairro	Nº de Igrejas em 2022	Nº de Igrejas em 2024	Variação percentual no nº de igrejas (percentual)	Nº de habitantes por igreja (2024)	Densidade Eclesial (2024)
Cidade Satélite	49	39	- 20,40	457,20	6,38
Dr. Airton Rocha	38	29	- 23,68	295,17	2,30
Caranã	29	20	- 31,03	662,40	7,54
Laura Moreira	25	20	-20	98,25	1,39
Cauamé	12	13	+ 8,33	651,76	2,78
União	13	8	-38,46	622	7,14

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Infelizmente, o Censo de 2022 foi o primeiro no qual se espacializou a distribuição de templos religiosos no Brasil, de modo que não pudemos empreender uma comparação que retrocedesse mais à fundo na genealogia da espacialização das igrejas em Boa Vista, tendo nós de contentarmo-nos com uma comparação entre os dados desse censo e aqueles oriundos de nossa pesquisa (tampouco encontramos em órgãos municipais a distribuição espacial dos templos na cidade de Boa Vista).

Ademais, como comentamos na décima primeira nota, os dados acerca da renda da população são de 2010; ainda assim, nos serve para contextualizar¹² o seguinte: nota-se, em todos os bairros, como a carência econômica é latente, quando pelo menos 37% da população não tinha qualquer rendimento, afora os extratos populacionais que têm, no máximo, a renda de até um salário.

Os dados demográficos também são indicativos importantes do que aqui assumimos como eixo decisivo de nossa discussão, apontar as limitações do expansionismo territorial evangélico.

Enquanto o Dr. Airton Rocha e o Cidade Satélite passaram por substancial ganho populacional, o Laura Moreira perdeu mais da metade de sua população em uma década –

¹² Deve-se excluir os dados aqui referentes ao Doutor Airton Rocha, uma vez que, em 2010, contava apenas com 69 habitantes, tornando-se uma amostra insignificante para referendar os dados – e, pelas características sociais atuais do bairro, periférico no contexto urbano, dificilmente se repetirá o extrato populacional de 10% dentre seus moradores com renda superior a 3 salários; Cidade Satélite, por sua vez, bairro de uma população pobre em seu surgimento, passou a apresentar uma clivagem interna, tendo porções do bairro onde mora um contingente expressivo que pode ser qualificado como de classe média, com renda superior a 5 salários.



outrora fronte de expansão da cidade, o bairro estagnou, vendo a cidade adensar-se nos dois primeiros bairros.

No Caranã, entre 2000 e 2010, ocorreu processo similar ao Laura Moreira entre 2010-2022. O Caranã passou de 12.049 moradores em 2000 para 9.931 na década seguinte, uma perda populacional de 17,57%. Comparando 2010 com 2022, o bairro voltou a crescer (25,34%), totalizando 12.448 habitantes.

Cauamé e União também apresentaram importante crescimento populacional no período, 13,27% e 30,91%, respectivamente.

Passando ao escrutínio dos dados referentes às igrejas, notamos que apenas o Cauamé aumentou o número de templos, ocorrendo, nos demais, uma drástica variação negativa, entre 20,40% e 38,46%.

O que explica o perecimento destas igrejas? Para responder esta questão, entretanto, é preciso, inicialmente, explicar a sua difusão por estes bairros. Ademais, as variações negativas não apresentam unidade em sua(s) causa(s), tornando-se diferenciada segundo a estrutura espaço-temporal do processo de urbanização de Boa Vista.

Deve-se ressaltar, porém, que, embora tenha ocorrido de maneira aguda o fechamento dos templos, ainda podemos afirmar que Boa Vista e os próprios bairros apresentam forte presença das igrejas evangélicas. Podemos tomar como comparativo, por exemplo, o bairro do Purus, em São Paulo, também ele periférico no contexto da cidade paulista.

Escolhemos como comparativo este bairro porque se trata, segundo Rivera e Farjado (2022), de um bairro notadamente caracterizado pela presença evangélica, contando com 176 templos.

Se o crivo da comparação passar a ser o número de habitantes por igreja (razão entre quantitativo populacional e o número de templos) ou a densidade eclesial (tomada, em analogia à densidade demográfica, como a razão entre a área total e o número de igrejas), os recortes ora analisados para Boa Vista em alguma medida estão pareados ao Purus.

O bairro paulista apresenta no número de habitantes por igreja, a seguinte razão: 398; quanto à densidade eclesial, ela é de 7,4 Igrejas/km².

Dentre nossos bairros, Laura Moreira e Dr. Airton Rocha apresentam o mais pujante número de igrejas por habitantes (aqui, quanto menor é número, quer-se dizer que mais intensa, nesse critério, é a presença evangélica, uma vez que precisa de um menor número populacional por igreja), e só apresentam baixa densidade eclesial porque se tratam de bairros de grande extensão territorial (ambos possuem mais que o dobro de área do que o Cidade Satélite, terceiro maior bairro de nosso recorte) e pouco povoado, sobretudo o Laura Moreira.



Em relação à densidade eclesial, deve-se dizer que tanto o Cidade Satélite, quanto o União e o Caranã, em muito se aproximam do Purus.

Essas considerações reiteram o argumento: face à imperiosa expansão urbana, ocorrerá, paralelamente, uma aguda expansão territorial evangélica, e, mesmo com a decaída sistemática nos últimos dois anos em relação à presença de seus templos, a força deste segmento religioso em muito se presentifica na paisagem urbana local.

Como dissemos, para explorar as razões dessa decaída, é necessário elucidar, antes, o processo de territorialização das igrejas evangélicas e, para isso, reiteramos, focaremos no Laura Moreira. O olhar específico a este bairro não evoca um particularismo na análise, uma vez que a estrutura a seguir delineada se presentificou em todos os recortes.

Vejamos, pois, a distribuição temporal das igrejas no Laura Moreira, iniciando com a categoria temporal *Surgimento*.

Tabela 03: Ano de fundação das igrejas no bairro Laura Moreira.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base do surgimento do bairro
1	2004	Evangelho Quadrangular	GDPN	2005
2	2004	Igreja Adventista do Sétimo Dia – Conj. Cidadão 1	Adventista	
3	2008	Assembleia de Deus	DPRI	
4	2009	Igreja Adventista do Sétimo Dia – Conj. Cidadão 2	Adventista	
5	2009	Congregação Cristã no Brasil	GDPN	
6	2009	Igreja Evangélica Assembleia de Deus Boas Novas (MA)	DPR	
7	2009	Igreja das Nações, Argentina	DPL	

Fonte: Elaboração dos autores, 2024.

Como comentamos anteriormente, ao se analisar a questão temporal dos bairros e da inserção das denominações religiosas, nota-se como algumas igrejas se espacializam antes



mesmo que o bairro enquanto tal se conforme – e tratam-se, quase sempre, de instituições específicas, a saber, a trinca constituída por Grandes Denominações Nacionais Pentecostais, pela Assembleia de Deus Brasil (uma Denominação Pentecostal Regional que, endogenamente ao estado, afigura-se como a maior denominação) e pela Igreja Adventista.

O que explica essa antecipação da urbanização ou seu acompanhamento *pari passu*? Em síntese, tais denominações possuem o poder para tal (CARVALHO; CRUZ, 2024): seus portentosos recursos financeiros, sociais e humanos lhes garantem escala para a empreitada, o campo do poder se amplia, encetando o como – destacamento de pastores de outros estados e regiões, recursos externos para custeio dos templos e afins, o trabalho massivo de evangelização etc., em suma, elementos que balizam a territorialidade – em determinado onde, áreas ainda em vias de maturação urbana. Teriam as pequenas igrejas a capacidade de agir – quer-se dizer, teriam elas o poder para engendrar determinadas ações – de forma similar? Decerto que não.

E porque as grandes denominações assim se territorializam? Este movimento garante sua perenização no território, arregimentando e consolidando seu rebanho num contexto espacial no qual poucas igrejas ainda se fazem presentes.

Destaca-se que apenas no Laura Moreira, Cidade Satélite e Dr. Airton Rocha encontram-se exceções que rompem a primazia do referido trio – quais as razões disso? A sua condição enquanto franja urbana (preço da terra mais barato, maior disponibilidade de terra e a própria atração populacional que a franja urbana, tendencialmente, acarreta), sob uma urbanização não consolidada que permite que igrejas outras, de menor porte, consigam se espacializar.

No quadro urbano consolidado, Cauamé, Caranã e União, pela densidade de ocupação do uso do solo e pela própria competição perante às grandes igrejas, a possibilidade dessa territorialização prévia não se cumpre às pequenas igrejas; destaca-se ainda que as franjas urbanas (em verdade, o estado como um todo) foram sistematicamente ocupadas por migrantes e como a prática pentecostal avaliza, mormente, à qualquer um de nós fundar uma denominação, também esse caráter explica porque, diferentemente das áreas de urbanização mais antiga, existem denominações que escapam à alcunha das grandes denominações no período de *Surgimento* nas franjas urbanas, ou, mais especificamente, ao Laura Moreira, Cidade Satélite e Dr. Airton Rocha,

Assoma-se ainda que o crescimento evangélico e populacional se torna espetacular em Boa Vista justamente após a década de 1990; isto ainda explica, assim entendemos, porque, no recorte temporal *Surgimento*, o Laura Moreira apresente um número de templos (entre 2 e 3 vezes) maior do que se verifica no Caranã e no União; talvez se a expansão evangélica em termos populacionais tivesse sido aguda entre 1980-1990, pudéssemos ter assistido também as



pequenas e médias denominações penetrarem tais bairros mais próximos à área nuclear da cidade, como o Caranã, Cauamé e União.

Continuemos com nossa exposição dos demais crivos temporais ao Laura Moreira, reafirmando-se tratar de um caso particular que espelha um processo geral vivificado em todos os bairros investigados da Zona Oeste.

Tabela 04¹³: Ano de fundação das igrejas na categoria Consolidação e Últimos cinco anos no Laura Moreira.

Número de Igrejas	Ano de fundação	Nome	Filiação teológica-institucional	Ano base da Consolidação / Últimos cinco anos
1	2015	Igreja Assembleia de Deus Missionária de Última Hora	DPL	2010-2019
2	2015	ADB – Cong. Monte Hebrom	DPRI	
3	2015	ADB	DPRI	
4	2019	Igreja Evangélica Redimida de Deus	DPR	
5	2020	Casa de Restauração	DPL	2020-2024
6	2020	Ministério Voz da Verdade - Brasil	DPL	
7	2021	Igreja Assembleia de Deus Maranata	DPL	
8	2023	Assemblies of God Church ¹⁴	DPL	

¹³ O número total de igrejas listadas nas tabelas é inferior ao quantitativo total de igrejas identificadas no Laura Moreira. Isso se deve porque, nestas tabelas, não incluímos as igrejas que não conseguimos discriminar o seu ano de fundação.

¹⁴ Igreja oriunda de Goiás a partir da migração pessoal do pastor; posteriormente, seu filho migra para New Jersey, fundando lá uma igreja, contando, hoje, com duzentos membros na cidade norte-americana, o remodelou o nome da “igreja matriz”. Destaca-se que, embora unificadas por um nome e filiação



9	2023	AD Ministério Madureira / Congregação Besteda	GDPN	
10	08/2024	Igreja Universal do Reino de Deus	GDPN	
11	07/2024	Igreja Ministério Aliança com Deus	DPL	

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Se a referida trinca tende a reinar sozinha no *Surgimento* dos bairros, no período da *Consolidação* já se encontra a rivalidade com as demais instituições, enquanto, nos *Últimos cinco anos*, a primazia pertence às denominações locais ou regionais.

Estabelece-se, pois, uma gradação até o ponto que, tendencialmente, já não mais abundam as grandes igrejas. Isso se deve ao esgotamento natural das grandes denominações (enquanto estas são finitas, as demais são, potencialmente, infinitas) e a própria dificuldade de inserção em áreas com densidade na ocupação do uso do solo e mesmo da competição intrarreligiosa.

Feita essas considerações, passamos a nos deter nas razões à vigorosa queda dos números de templos nos recortes analisados (à exceção do Cauamé).

Começemos com os bairros situados na franja urbana, Cidade Satélite, Laura Moreira e Dr. Airton Rocha, localidades que perderam, respectivamente, 20,40%, 20% e 23,68% de seus templos.

O que explica o fechamento e/ou saída destas igrejas para outras localidades se dá pela relação oferta-demanda. Lembremos nossa comparação com Purus: o bairro paulista possui, quanto ao número de habitantes por igreja, a seguinte razão: 398; sua densidade eclesial é de 7,4 Igrejas / km².

O número de igrejas por habitantes em nossos bairros é de 98,25 no Laura Moreira, 295,17 no Dr. Airton Rocha e 457,20 no Cidade Satélite. Caso operássemos com os dados de 2022, tal razão seria, respectivamente, para o Laura Moreira, Cidade Satélite e Dr. Airton Rocha, de 78,6, 225 e 363.

Enquanto o Cidade Satélite “ultrapassaria” o Purus nesse cenário, aprofundar-se-ia a diferença entre os outros dois bairros e aquela de São Paulo.

comum, cada igreja atua como uma denominação local, sem estrutura centralizada, justificando, nosso enquadre da Assemble of God Church como uma Denominação Pentecostal Local.



Assim, se a explosão demográfica¹⁵, num contexto de periferia urbana, lembrando que são, sobretudo, entre os pobres e negros que o pentecostalismo mais cresce (MARIANO, 1999), acarretou na profusão de inúmeras igrejas, a oferta – é a nossa hipótese – excedeu a demanda, o que, conseqüentemente, na competição intrarreligiosa evangélica, provocou o fechamento dos templos.

Especificamente ao Cidade Satélite, a valorização de sua área pode ainda ter provocado o refugio das igrejas, encarecendo os custos do aluguel para os espaços de culto – em algumas das conversas com pastores ouvíamos que “mudamos de outro bairro para aqui há 2 anos” em razão dos custos operacionais da igreja, refletindo ou o aumento de preço do aluguel ou diminuição da arrecadação.

Mas algo ainda contrasta com esta explicação. Porque o Laura Moreira, bairro que perdeu mais de 50% de sua população, foi aquele de menor recuo no número de templos?

Comparando as tabelas 03 e 04, nota-se como, depois de 2009, apenas irá surgir (e se manter até hoje) uma igreja em 2015 e outra quatro anos depois, em 2019. Deve-se dizer que, provavelmente, outras igrejas surgiram no período e fecharam, então, suas portas, face à redução da demanda.

Se entre 2009-2019 só duas igrejas surgiram e se mantiveram, o que explica o propalar constante de novas igrejas a partir de 2019 (surgiram oito igrejas entre 2019-2024), sendo que o declínio populacional se mantivera?

A questão é que, desde 2014, o bairro voltou a apresentar a construção de projetos habitacionais do Minha Casa, Minha Vida, e, atualmente, são oito empreendimentos imobiliários entre investimentos privados e aqueles provenientes de novos programas habitacionais do Governo Federal; tanto os investimentos públicos como os privados, em sua maioria, ainda estão em fase de loteamento, poucos já estão edificadas. De todo modo, nota-se como o Laura Moreira retoma sua condição de vetor do crescimento urbano em Boa Vista e a tendência é, agora, de crescimento populacional.

Acreditamos que estes fatores, bem como o preço da terra mais barato em relação aos demais bairros, contribuíram para uma queda menor do número de templos neste bairro.

Passamos agora ao escrutínio do União e do Caranã, os bairros que tiveram as quedas mais bruscas quanto aos templos, respectivamente, 38,46% e 31,03% – e não é acaso, advogamos, tratem-se de bairros consolidados no quadro urbano da cidade.

¹⁵ Cidade Satélite cresce mais de 300% entre os dois últimos censos, enquanto o Dr. Airton Rocha, praticamente inexistente em 2010, com 64 habitantes, passa a ter mais de oito mil moradores em 2022.



Os dois, e também o Cauamé (o terceiro bairro de consolidação urbana), foram as localidades que apresentaram menor crescimento de igrejas nos *Últimos cinco anos*. Isso evidencia, de saída, uma saturação do solo urbano e da própria densidade eclesial e, à medida que a cidade se expande, novas áreas estão postas à territorialização evangélica. A explosão da cidade e a fragmentação do tecido urbano (LEFEBVRE, 2000) são, aqui, basilares à compreensão das transformações sócio-espaciais atinentes às questões territoriais evangélicas.

Esses fatores são um entrave (não necessariamente intransponível) à chegada de novos templos e, sob a competição intrarreligiosa, a abertura de novas igrejas não tende a se avolumar nas áreas urbanas consolidadas.

As razões pelas quais o Cauamé apresentou crescimento positivo são, para nós, um fator que carece de maior amadurecimento analítico para podermos auferir uma resposta mais clara. Pesquisas ulteriores procurarão elucidar a questão, envolvendo novos bairros e outras zonas da cidade.

Destaca-se que, em todos os recortes, foram as denominações locais ou regionais que fecharam suas portas, evidenciando que são sobretudo estes agentes que ensejam as transformações na espacialização evangélica em Boa Vista, questão relacionada às dificuldades de manutenção do seu funcionamento e sua não-institucionalização, seja quanto à possibilidade de abrir novos templos, seja ainda pela dependência do líder religioso e onde mora o próprio líder – quanto às Denominações Pentecostais Locais, a casa do pastor é, com regular frequência, o espaço da igreja ou é vizinha à igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nesta pesquisa problematizar a territorialização das igrejas evangélicas em Boa Vista, evidenciando, em seu afã expansionista, também os limites desta expansão, conjecturando hipóteses para explicar o vertiginoso decaimento do número de templos na absoluta maioria dos bairros analisados (cinco dos seis bairros).

Neste compasso, rastreamos as dinâmicas locais deste pluriforme segmento religioso, matizando sua territorialização através de um olhar empírico que desvelou seu cariz espaço-temporal. Em termos analíticos, julgamos ser este o mérito de nossa proposta, precisamente correlacionando as dinâmicas intraurbanas à territorialização evangélica.

Em novas pesquisas, já em andamento, procuraremos açambarcar outras áreas da cidade, contrastando as dinâmicas locais verificadas na Zona Oeste, em geral tomada



como periférica no contexto local, com as zonas onde residem maiores estratos da classe média e alta de Boa Vista.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. Fé e ordenamento social do território: estratégias de controle Da Igreja Universal do Reino de Deus. **Geographia Meridionalis**, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 222-247, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.15210/gm.v1i2.5833>> Acesso em: 20 out. 2025.
- ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília, DF: Ed. UNB, 1985.
- AZULAY, P. Religião, território e identidade. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 93, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/geouerj.2002.49163>> Acesso em: 15 out. 2025.
- CARVALHO, C.; CRUZ, M. A territorialização das igrejas evangélicas sob o contexto de expansão urbana na zona oeste da cidade de Boa Vista-RR. In: Anais do XVIII SIMPURB – Uma agenda para a democratização da cidade, Niterói, p. 1-21, 2024. Disponível em: <[GT15 COM 585 791 20240805000617.pdf](https://doi.org/10.24080/5000617)> Acesso em: 12 out. 2025.
- FARJADO, M. Pentecostalismo, urbanização e periferia: perspectivas teóricas. **Paralellus – Revista Eletrônica em Ciências da Religião**, Recife, n. 2, v. 4, 2011, p. 181-192. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/236215126.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2024.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Coritiba: Ibpx, 1995.
- HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: SERPA, A; BARTHE-DELOIZY, F. (org.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA e Edições L’Harmattan, 2012, p. 27-46.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades, 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades, 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**: Panorama. População residente. Disponível em <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3>> Acesso em: 18/07/2024.
- JORGE, A.; BRANDÃO, A.; CUNHA, C. Mapeando religião na cidade: reflexões sobre a criação de templos religiosos na cidade do Rio de Janeiro entre 2006 e 2016. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 237-265, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-8136.87631>> Acesso em: 15 out. 2025.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal, lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LEFEBVRE, H. **La production de l’ espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.
- LIMA, P.; BAHIA, M.; COSTA, L. Territorialidade religiosa: uma análise da Igreja Profética Batista da Restauração na região metropolitana de Belém-PA. **REVER**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 187-200, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a11>> Acesso em: 12 out. 2025.
- LIMA, P.; BAHIA, M. **Religião, território e poder: notas teóricas para o debate sobre grupos religiosos**. NAEA, v. 28, n. 3, p. 502-513, 2019. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v28i3.8417](https://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v28i3.8417)> Acesso em: 14 out. 2025.
- MACHADO, M. S. A Territorialidade Pentecostal: uma contribuição à dimensão territorial da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 36-50, 1997. Disponível em:



<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6773/4826>> Acesso em: 12 out. 2025.

MARIANO, R. O futuro não será protestante. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 1, p. 89-114, 1999. Disponível em

<[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGI O SO/artigos4/futuro_nao_protestante.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGI/O%20SO/artigos4/futuro_nao_protestante.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2024.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RIVERA, D.; FARJADO, M. Pluralismo pentecostal na periferia de São Paulo. Estudo do bairro de Perus. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 45, n. 1, p. 375-396, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.15446/rcs.v45n1.90237>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

ROSENDAHL, Z. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL**, 2005.

ROSENDAHL, Z. Religião e espaço. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. (orgs.). **Espaço e cultura: uma pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p.47-79.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 73-99.

SANTOS, D. **Prosperidade e fé: estratégia de difusão espacial da Igreja Universal do Reino de Deus em Alagoas**. Dissertação (Mestrado em Geografia) defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SENRA, F.; LEITE, B. Senso religioso em transformação nas periferias das grandes cidades. **Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 709-726, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.18224/cam.v17i2.7198>> Acesso em: 12 out. 2025.

SILVA, S. Espaço urbano, neoliberalismo e igrejas evangélicas: um debate necessário. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 13, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.54446/bcg.v13i2.3284>> Acesso em: 12 out. 2025.

SOUZA, M. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CORRÊA, P.; CASTRO, I.; GOMES, P. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 77-116.

STAEVIE, P. Expansão urbana e exclusão social em Boa Vista – Roraima. **Oculum Ensaio**, Campinas, v. 13, p. 68-87, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.puccampinas.edu.br/oculum/article/view/142>> Acesso em: 07 jul. 2025.

TERRA, A. Descortinando a Lógica Diocesana no Espaço Fluminense. **REVER**, São Paulo, n. 2, p. 21-50, 2009. Disponível em: <[t_terra.pdf](https://terra.pdf)> Acesso em: 12 out. 2025.

VERAS, A. **A produção do espaço urbano de Boa Vista – Roraima**. 2009. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009).